

**DEDICATÓRIA**

*Ao meu pai, Telmo.*

*Um dia, tu compartilhaste conosco o teu sonho de deixar os caminhos por onde andavas um pouco mais verdes. Pediste a nossa ajuda e, juntos, endereçamos cartas para todas as prefeituras do Rio Grande do Sul para divulgar o teu Projeto Verde Rio Grande.*

*Hoje eu percebo que, naquele dia, tu me ensinaste muitas coisas: a sonhar grande, a não ter medo de compartilhar um desejo, a pedir ajuda para divulgar uma ideia, a trabalhar muito para produzir algo que inspire outras pessoas.*

*Durante a escrita deste livro, tu estiveste muito presente para mim. Eu pensei em ti cada vez que sonhei em ver este livro em cada uma das escolas do nosso Brasil e em gerar um impacto positivo na educação brasileira.*

*De formas diferentes, nós lançamos as nossas sementes. Tu plantaste dezenas de árvores que hoje seguem crescendo fortes. Eu espero, um dia, ver as minhas sementes de criatividade na educação germinando.*

*Obrigada, pai, por teres me inspirado a ser uma pessoa tão idealista como tu e querer fazer o bem para o mundo. Dedico este livro para ti como forma de agradecer o tanto que me ensinaste.*

**SUMÁRIO**

[**PREFÁCIO** 4](#_heading=h.gjdgxs)

[**PREFÁCIO** 6](#_heading=h.30j0zll)

[**NOTA DA AUTORA** 7](#_heading=h.1fob9te)

[**APRESENTAÇÃO** 9](#_heading=h.3znysh7)

[**AFINAL, O QUE É CRIATIVIDADE?** 12](#_heading=h.2et92p0)

[**MULTIFACETAS DA CRIATIVIDADE** 16](#_heading=h.tyjcwt)

# **PREFÁCIO**

LUCAS FOSTER

Você está lendo este prefácio em 2021? Se sim, gostaria, antes de mais nada, de manifestar a minha solidariedade. Se, além disso, você também trabalha com educação, manifesto minha gratidão e minha preocupação.

Quando despertarmos desse terrível período vivido pela humanidade, você encontrará um novo mundo. Em crise, teremos a responsabilidade de recriar o futuro das novas gerações. Afinal, se existe uma mensagem que devemos ouvir atentamente durante este período, é que não podemos continuar seguindo os mesmos modelos de desenvolvimento do século passado.

A pandemia do novo coronavírus ficará marcada na História. O início da terceira década do século XXI escancarou a vulnerabilidade da relação entre o ser humano e a natureza. Povos e civilizações do mundo inteiro estão enfrentando novos desafios a partir de mudanças e transformações significativas, as quais têm aumentado nossas incertezas sobre o futuro. Acredite, a humanidade está em transição.

Sendo assim, estamos diante de uma mudança de paradigma, na qual a retomada da confiança após a pandemia deverá servir como um catalisador para uma revolução na aprendizagem que garanta uma transição inclusiva para uma economia digital e de baixo carbono, baseada na criatividade e na inovação e que garanta dignidade e integridade para todos.

Precisamos entrar, de fato, no século XXI. Deixar para trás as amarras do século passado. Para isso, precisamos aceitar o novo e querer fazer parte dele. Precisamos aceitar a revolução digital, e não brigar com ela. Precisamos reduzir as mudanças climáticas ao invés de negar a realidade. Precisamos aceitar que nossa educação tradicional ficou obsoleta. Precisamos colocar a criatividade e a inovação como centro de um novo desenvolvimento humano e sustentável.

Reconhecendo que a inovação e o empreendedorismo em massa são essenciais para ampliar o potencial económico de comunidades após um período de profundas transformações, a criatividade é a matéria-prima para criar um novo impulso para o crescimento econômico e para a criação de empregos, expandindo as oportunidades para todos, principalmente para mulheres e jovens.

Por isso, decidi liderar um movimento global chamado Dia Mundial da Criatividade e incentivar a criatividade em todos os cantos do mundo, com o objetivo de acelerar o desenvolvimento de soluções para os desafios reais por meio do engajamento de educadores, líderes e comunidades. Nosso propósito é construir e convocar líderes criativos ao redor do mundo, comprometidos com a promoção da criatividade para solucionar os desafios económicos, sociais, culturais e ambientais do presente.

As pessoas precisam de novas referências e, mais do que nunca, de uma nova educação, capaz de desenvolver o potencial humano por intermédio de novas habilidades. Quanto mais diversidade e liberdade houver para os educadores criarem novas jornadas de aprendizagem, mais conhecimento será gerado, aumentando, definitivamente, a capacidade criativa da sociedade.

Por isso, acredito no valor desta leitura para educadores e profissionais da educação. Este livro é um ponto de partida para sua revolução criativa e para o início de uma nova jornada em sua trajetória.

Boa leitura!

Lucas Foster é psicólogo e idealizador do World Creativity Day, o maior movimento de incentivo à criatividade do mundo.

# **PREFÁCIO**

MÓNICA TIMM DE CARVALHO

Durante a leitura do livro, várias vezes me veio à mente um belo artigo de Jorge Larrosa Bondía, *Notas sobre o saber e o saber da experiência*. Nesse texto, o autor propõe o rompimento da polarização entre duas vertentes que há muito tempo dominam as discussões e as proposições na área da educação. Trata-se da dicotomia entre os pares ciência/técnica, de perspectiva positivista, e teoria/prática, de natureza mais política e crítica. Em seu lugar, Larrosa Bondía propõe o entendimento da educação a partir do par experiência/sentido. Foi o que percebi no trabalho de Luciane: a valorização da experiência, daquilo que nos acontece, nos toca. A autora vem provocar as escolas a adotar uma pedagogia da criatividade, que é "alegre, suave e doadora de sentido, de vida, de força e de paz".[[1]](#footnote-0)

Neste livro, é possível identificar o quanto são complexos e necessários os caminhos para a criatividade, questão fundamental no difícil processo de habilitar pessoas para a vida produtiva neste século. Luciane, no entanto, não se contenta em apenas anunciá-los. Ela se atém a desdobrar os diferentes referenciais teóricos em proposições práticas, sem o propósito de servir de cartilhas, mas para inspirar os educadores a criar suas próprias intervenções didáticas. Sua obra é, de fato, um convite à reflexão e à prática da criatividade, impulsionando e ampliando o repertório de referências de seus leitores.

O destaque ao repertório como sustentação da criatividade me pareceu o ponto mais alto de seu livro. Ao valorizar a aquisição de erudição (aqui entendida como instrução e competências vastas e variadas) e ao defender sua conquista por meio da experiência, Luciane resgata e supera a tradição tecnicista da escola tradicional, sem, contudo, escorregar para simplificações, como associar criatividade a espontaneísmo, improvisação ou iluminação metafísica.

Que a leitura atenta desta obra mobilize professores e gestores educacionais a promover a necessária ampliação do repertório de experiências de seus estudantes, matéria-prima da superação do status quo, da proposição de novas alternativas de solução a problemas, da formulação de novas perguntas, novas pesquisas, novas ideias, novas realizações.

Mônica Timm de Carvalho é CEO da plataforma de leitura Elefante Letrado. Foi diretora do Colégio Israelita Brasileiro de Porto Alegre (1998-2016) e integrante da diretoria do SINEPE-RS (2006-2013).

# **NOTA DA AUTORA**

Este livro foi escrito antes da pandemia. Embora ele já falasse do cenário de rápidas mudanças e do elevado grau de incerteza quanto ao futuro, eu jamais imaginaria uma situação tão desafiadora e intensa quanto a que aconteceu com as escolas (e com o mundo todo) em 2020. Porém, uma coisa eu já antecipava: a resposta para o enfrentamento dos diversos desafios passaria pela criatividade.

Em 2020, todas as escolas, de alguma forma, foram impactadas pela pandemia. Não houve tempo de preparo prévio. Portas foram fechadas, e as escolas precisaram pensar em alternativas para se manter "abertas". Não foi uma tarefa fácil, que foi possível apenas em função de usarmos um tipo de pensamento mais flexível, pensarmos em diferentes possibilidades, fazermos experimentações e ajustes constantes, termos a coragem de tentar estratégias nunca antes testadas, tolerarmos erros e seguirmos firmes no propósito de garantir que a aprendizagem seguisse, de alguma forma, acontecendo.

Professores e gestores educacionais precisaram reavaliar tudo o que tinha sido planejado para o ano de 2020 e deixar de lado respostas já conhecidas para criar alternativas novas e apropriadas para um novo contexto. Estudantes e famílias precisaram de muita flexibilidade e tolerância à frustração para construir novos espaços e tempos para garantir o aprender em casa. Enfim, foi preciso muita criatividade, essa que é considerada hoje uma competência essencial para a sobrevivência humana, para que a escola também seguisse viva.

Este livro está sendo publicado em um momento em que os impactos da pandemia na educação, a médio e longo prazo, ainda não são totalmente conhecidos e mensuráveis. Sabemos que os desafios não acabaram. Eu não vou tentar prever o que vai acontecer com a escola nos próximos anos, mas não tenho dúvida de que, mais uma vez, a criatividade será essencial na construção de soluções para esses desafios.

Durante o meu mestrado em criatividade, um dos meus professores, Dr. Roger Firestien, disse uma frase que me marcou muito: "a criatividade traz esperança". Pensar de maneira criativa envolve ver problemas como desafios para os quais é possível criar uma solução. Pensar de maneira criativa envolve gerar múltiplas alternativas. Se uma delas não dá certo, ainda temos outras opções, e isso gera certo otimismo. Pensar de maneira criativa é pensar em possibilidades e não em limitações. Não estranha, portanto, que a criatividade esteja sendo, cada vez mais, associada ao bem-estar emocional e à saúde mental. Afinal, como afirmam Eunice Alencar, Nívea Braga e Claudio Marinho[[2]](#footnote-1) no livro Como desenvolver o potencial criador, "quem vive criativamente é autônomo, sente-se confortável diante dos problemas que tem diante de si e não se esquiva às tentativas de solucioná-los, pois se sente capaz".

Se este livro já era necessário antes da pandemia, agora ele se torna ainda mais essencial. Pensar de maneira criativa propicia não apenas as condições cognitivas para lidarmos com tantas incertezas e complexidades, mas também as condições emocionais para lidarmos, de forma saudável, com tantos desafios. A criatividade precisa, portanto, ganhar um lugar de destaque nas nossas escolas e nas nossas vidas para que todos nós possamos nos beneficiar do tanto que ela tem a oferecer. Afinal, a criatividade não é somente algo que precisamos. É algo que merecemos.

# **APRESENTAÇÃO**

QUAL É A PERGUNTA QUE ME MOVE?

Eu já não lembro mais quando foi a primeira vez que assisti ao TED Talk do Ken Robinson[[3]](#footnote-2) chamado *Será que as escolas matam a criatividade?*, mas ainda me lembro de algumas das sensações que ele me trouxe. Por um lado, eu me senti aliviada. Foi importante escutar alguém tendo a coragem de fazer algumas críticas que eu também tinha sobre o sistema educacional tradicional. Eu não estava sozinha. Por outro lado, senti um pouco de culpa e até vergonha. Toda a minha trajetória profissional tinha sido na área da educação. Eu já havia trabalhado como psicóloga de uma grande escola durante vários anos, como psicopedagoga clínica e como professora universitária, lecionando uma disciplina sobre Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem. Se as escolas realmente "matavam" a criatividade e eu havia trabalhado tão próxima a elas, eu tinha que me perguntar se, de alguma forma, não estava sendo parte desse "processo destrutivo". Porém esse sentimento negativo acabou gerando outra sensação: inquietação. Se eu acreditava que as escolas não estavam ajudando no desenvolvimento do pleno potencial criativo dos seus estudantes, havia chegado a hora de começar a pensar no meu papel diante de tudo isso.

Na época em que assisti a esse TED Talk, eu já morava nos Estados Unidos e estava me dedicando a atividades variadas na área da educação e criatividade. Tinha participado de programas como o *Odyssey of the Mind, o Time to Invent Club* e o *Invent It Challenge*, que são atividades extraclasse e desafios/competições na área de solução criativa de problemas. Eu desconhecia programas semelhantes a esses no Brasil e decidi criar um curso on-line para adolescentes brasileiros, integrando tudo o que estava aprendendo. Surgiu, então, o *Inventeen*, um curso sobre criatividade, solução de problemas e invenção. À medida que fui dando aulas para os alunos das primeiras turmas-piloto desse curso, percebi que também queria compartilhar o que estava estudando sobre criatividade com as escolas e seus educadores. Só assim eu conseguiria gerar o impacto que desejava. Decidi explorar mais a fundo a temática da criatividade na educação e conheci o programa de Mestrado em Criatividade da State University of New Ela é a sede do International Center for Studies in Creativity, uma das instituições mais reconhecidas mundialmente na área da criatividade, com destaque para o ensino e a pesquisa de uma metodologia chamada *Creative Problem Solving*.

Quando comecei a pesquisar sobre esse programa, deparei-me com uma palestra da Kathryn Haydon,[[4]](#footnote-3) na qual ela fala sobre a importância das perguntas nas escolas. Na sua fala, ela se refere às "perguntas de possibilidade", um tipo específico de perguntas que levam à exploração e à imaginação, abrindo espaço para muitas alternativas e tornando o aprendizado mais significativo. Em geral, essas perguntas se iniciam assim: "Quais podem ser as diferentes formas de ...?".

Quando assisti a essa palestra, percebi que precisava me guiar por novas perguntas. Em vez de "Será que as escolas matam a criatividade?", comecei a me perguntar: "Quais podem ser as diferentes formas de as escolas nutrirem (ou incentivarem, estimularem, promoverem, encorajarem) a criatividade? E quais podem ser as diferentes formas de eu ajudar as escolas a se tornarem espaços mais criativos?".

Este livro surgiu como uma das possíveis respostas para essas perguntas. Ele é, acima de tudo, um convite para educadores. Você verá que, ao longo dos capítulos, faço muitas perguntas. Espero que elas gerem reflexão e movimento. Como dizia Mika, um dos personagens do livro *Ei! Tem alguém aí?*, de Jostein Gaarder,[[5]](#footnote-4) "só uma pergunta pode apontar o caminho para a frente". Como quero muito que sigamos em frente (e para a frente), lanço novas perguntas:

Quais podem ser as diferentes formas de resgatarmos a criatividade que já temos em modo latente e desenvolvê-la integralmente?

Quais podem ser as diferentes formas de nutrirmos a criatividade dos e nossos alunos?

Quais podem ser as diferentes formas de ajudarmos na promoção da criatividade nas escolas onde trabalhamos?

Essas são algumas das questões norteadoras deste livro, porém o objetivo dele não é trazer respostas definitivas para elas, mas utilizá-las como ponto de partida para a desacomodação, a inspiração e a transformação, produzindo novos questionamentos: Este livro é, portanto, um convite à inquietação e à abertura de novas possibilidades.

Acredito que, ao fazermos essas perguntas, abriremos espaço para pensarmos e construirmos escolas que:

* promovam uma aprendizagem mais profunda e significativa, mais conectada com a realidade e com os interesses dos seus alunos;
* preparem os estudantes para o futuro não apenas cognitivamente, mas também emocionalmente, valorizando o autoconhecimento, a autonomia e a autoconfiança;
* valorizem a singularidade, explorem o potencial criativo de todos, acolham e valorizem as diferenças e favoreçam a autorrealização;
* promovam o bem-estar e a saúde emocional de todos os seus integrantes e desenvolvam ações com impacto positivo para além dos seus muros;
* enxerguem a criatividade como peça-chave para transformar o mundo.

Pode parecer utopia, mas, quando pensamos de forma criativa, não só geramos ideias para uma nova escola, como também propomos diferentes alternativas para fazer com que essas ideias se tornem realidade.

Convido você, então, a explorar algumas dessas possibilidades neste livro, pensando de forma mais criativa e contagiando a sua escola com criatividade.

# **AFINAL, O QUE É CRIATIVIDADE?**

Criatividade é uma daquelas palavras que todos nós, em alguma circunstância, já utilizamos. E aí surge um problema. Como ela é muito conhecida e usada de maneira coloquial, pensamos que estamos todos falando da mesma coisa. Entretanto, o termo "criatividade" está associado a muitos equívocos ou mesmo a alguns mitos.

Muitas vezes, quando falamos sobre criatividade, pensamos em artistas (pintores, escritores, poetas, escultores, atores...) ou em profissionais de áreas historicamente mais ligadas à arte e à criação, como arquitetos ou publicitários. Na escola, associamos criatividade aos professores de Artes Visuais, de Música, de Teatro ou, no máximo, aos professores de Língua Portuguesa, nas suas aulas de produção textual, ou aos professores de Ciências, falando de algumas descobertas científicas. Entretanto, a criatividade é muito mais abrangente do que isso. John Baer e James Kaufman[[6]](#footnote-5) afirmam que "a criatividade não está limitada a umas poucas e altamente valiosas atividades artísticas ou científicas". Já Nussbaum[[7]](#footnote-6) refere que "a inteligência criativa pode ser encontrada em muitos campos e disciplinas, em todas as esferas da vida". E Beghetto[[8]](#footnote-7) destaca que, embora seja esteticamente agradável aliar conteúdos de diferentes áreas do conhecimento com múltiplas formas de expressão artística, incorporar criatividade na sala de aula não exige o uso das artes.

Outro equívoco refere-se à ideia de que a criatividade estaria restrita a apenas um "tipo de personalidade" ou seria controlada por um "gene criativo", estando limitada a poucos indivíduos.[[9]](#footnote-8) Uma das possíveis razões para a existência desse mito do gênio é a associação do termo criatividade com realizações grandiosas, como obras de arte, best-sellers ou grandes invenções. Porém, essas grandes criações são apenas uma das possíveis facetas da criatividade. Beghetto[[10]](#footnote-9) descreve o *Four C Model of Creativity* (Modelo de Criatividade dos Quatro Cs), no qual apresenta quatro níveis de expressão criativa. O primeiro é chamado de *mini-c*. Esse é o nível mais básico, no qual a criatividade é reconhecida pelo próprio sujeito, na forma de pequenos *insights* ou novas ideias, em situações de aprendizagem ou na vida cotidiana. O segundo nível é o *little-c*, uma forma de criatividade que já é compartilhada. Ela aparece na forma de pequenas inovações que resolvem diferentes tipos de problema do nosso cotidiano e que são reconhecidas como originais por algumas pessoas ao nosso redor. O terceiro nível é chamado de *Pro-c*. Essa é a criatividade reconhecida pelos profissionais e experts, referindo-se a soluções criativas em diferentes áreas de especialização. Por fim, o quarto nível é chamado de *Big-C*, que é a criatividade que recebe reconhecimento histórico e duradouro, aparecendo na forma de grandes contribuições para a humanidade.[[11]](#footnote-10)

Roger Firestien[[12]](#footnote-11) reforça que os Big-C não são as únicas manifestações criativas possíveis e afirma que, de maneiras diferentes, "somos todos criativos". Essa criatividade que está acessível para todos, a criatividade do cotidiano, vista como a geração de ideias novas e originais, mas também úteis e adequadas a determinado contexto, é a que estamos enfatizando aqui. Mas como essas ideias originais e úteis surgem?

Quem nunca ouviu a história de Arquimedes, que estava tomando banho na banheira quando, "de repente", encontrou a solução para um complicado problema e saiu gritando "eureka, eureka"? Ou a história de Isaac Newton, que, sentado sob uma árvore, viu uma maçã cair e aí formulou a Lei da Gravidade?

Temos a tendência a pensar que ideias aparecem espontaneamente, meio que ao acaso, se estivermos no local e na hora certos, ou seja, "embaixo de uma árvore no momento da queda de uma maçã". Esse mito do momento eureka desconsidera tudo o que aconteceu antes desse evento, mas é precisamente aí que está o grande segredo.

Embora estudiosos da criatividade afirmem que existe, de fato, o chamado "momento de iluminação", ele é apenas uma pequena parcela do que acontece no processo de geração de ideias. Tanto Graham Wallas, há quase cem anos, quanto Mihaly Csikszentmihalyi, mais recentemente, descrevem etapas prévias e etapas posteriores a essas epifanias.[[13]](#footnote-12) Nos processos descritos por eles, tão importante quanto o momento em que uma ideia chega à mente (o famoso *insight*) é o que acontece antes e depois dele. Diferentemente do mito do momento eureka, que coloca a ideia, e não a pessoa como destaque,[[14]](#footnote-13) tanto o processo descrito por Wallas quanto o descrito por Csikszentmihalyi dão importância à pessoa que teve essa ideia. Esses autores destacam comportamentos fundamentais para esse *insight*. David Burkus[[15]](#footnote-14) comenta que “momentos eureca não acontecem ao acaso; eles são precedidos por pesquisa e preparação”. Há uma frase famosa de Lous Pasteur que diz que a sorte favorece a mente preparada". Na verdade, trata-se menos de sorte e muito mais de estudo e preparo.

Burkus comenta ainda, que os momentos de iluminação surgem após um período de incubação, no qual a mente não está mais tão focada no problema em questão, o que pode levar dias ou até anos. Portanto, se queremos ideias criativas, precisamos de preparo (estudo e pesquisa), bem como de tempo e persistência.

“Inventores, cientistas, empresários, artistas — todos gostam de contar as histórias (e suas grandes descobertas como epifanias, em parte pelo caráter emocionante da narrativa desse momento em que uma lâmpada se acende, proporcionando súbita iluminação, e em parte porque é mais difícil transmitir a preguiçosa evolução em segundo plano da intuição lenta. Mas, se examinarmos com atenção os registros fósseis da inteligência, a intuição lenta é a regra, não a exceção." Steven Johnson[[16]](#footnote-15)

Outro grande equívoco em relação à criatividade é considerá-la sinônimo de originalidade. Como já foi dito, a criatividade envolve ideias originais, mas também úteis e adequadas a determinada situação. Beghetto[[17]](#footnote-16) menciona que a criatividade inclui a combinação de originalidade e do atendimento a determinados critérios definidos em um contexto específico (adequação). Quando esse segundo elemento é desconsiderado, a criatividade acaba vista erroneamente como sinal de excentricidade ou até mesmo como um comportamento disruptivo e, portanto, como algo indesejado na escola.

"A possibilidade de promover o desenvolvimento da criatividade em sala de aula é real. Para que isso aconteça, necessitamos aprender a organizar escolas aptas a acolherem e treinarem educadores que vão atuar no sentido de desenvolver o potencial criativo

de crianças e jovens por meio de contextos facilitadores e favoráveis à emergência do processo criativo.” Mônica Souza Neves-Pereira e Eunice Maria L. S Alencar[[18]](#footnote-17)

# **MULTIFACETAS DA CRIATIVIDADE**

A criatividade é um processo complexo e não se expressa de forma igual para todos. Kathryn Haydon e Jane Harvey[[19]](#footnote-18) utilizam a expressão "constelação criativa" para mostrar como diferentes características criativas destacam-se em diferentes pessoas, em uma formação única, que seria a expressão da nossa criatividade individual. Em um material chamado *Creative Strengths* *Spotter[[20]](#footnote-19)* (Identificador de forças criativas, em livre tradução), Haydon lista dezesseis características associadas a uma personalidade criativa. Ela propõe que cada indivíduo selecione as predominantes em si para identificar suas forças criativas e mostra, assim, que existem diversas possibilidades de configuração criativa. De modo semelhante, Scott B. Kaufman e Carolyn Gregoire[[21]](#footnote-20) afirmam que a criatividade não é uma característica única, mas um conjunto de características. Eles destacam que a natureza da criatividade é complexa e multifacetada.

Keith Sawyer[[22]](#footnote-21) considera que a criatividade não é um traço de personalidade ou um talento, e sim um "conjunto de comportamentos". Portanto, ele não foca em características de pessoas criativas, e sim em oito verbos (ou ações) essenciais para uma atitude criativa: perguntar, aprender, olhar, brincar, pensar, misturar, escolher e fazer. Ele deixa claro que essas ações não acontecem, necessariamente, nessa ordem, mas em "idas e vindas" ou "zigue-zagues", podendo sobrepor-se e até repetir-se. No livro *Zig zag: The surprising path to greater creativity* (Zigue-zague: o caminho surpreendente para a criatividade, sem edição em português), ele apresenta um quadro comparativo do processo criativo descrito por nove estudiosos de criatividade e conclui que "a criatividade não é um processo mental único e unitário", mas o resultado de processos mentais diversos.[[23]](#footnote-22)

E. Paul Torrance e H. Tammy Safter,[[24]](#footnote-23) no livro Ma*king the creative leap beyond* (Dando o salto criativo, sem edição em português), dedicam um capítulo para cada Uma das dezoito habilidades que eles consideram necessárias para a produção de soluções criativas, incluindo elementos como: a produção de muitas alternativas, a flexibilidade, a originalidade, o uso da fantasia, a combinação e síntese de alternativas, a tomada de consciência das emoções, o uso do humor, entre outras. Eles deixam claro que a criatividade é resultado de múltiplas habilidades.

Nussbaum[[25]](#footnote-24) utiliza a expressão "inteligência criativa" e destaca cinco competências que a compõem: extrair e conectar conhecimentos (*knowledge mining*), conceber/enquadrar/estruturar (*framing*), brincar/jogar (*playing*), fazer/construir (*making*) e produzir/escalonar (*pivoting*). Já Domenico De Masi[[26]](#footnote-25) finaliza seu livro, *Criatividade e grupos criativos*, dizendo que a lição mais autêntica que ele leva de criatividade é que ela não tem regras. A sua força "está na surpresa da sua multiplicidade, das suas infinitas e imprevisíveis direções".

Portanto, diferentes estudiosos da criatividade concordam que ela é multidimensional. Não há uma única forma de ser (ou de tornar-se) criativo. Há diferentes características, ações, habilidades ou, ainda competências que possibilitam que as pessoas olhem, pensem e ajam de modo criativo.

Em cada um de nós, esses elementos são expressos de maneira diferente, de acordo com características inatas, mas principalmente os estímulos e bloqueios que recebemos ao longo da nossa vida. Mutas vezes, pensamos em criatividade de forma binária, como algo somos ou não somos ("eu sou criativo" ou "eu não sou criativo"), quase em como um botão que está ligado ou desligado. Porém, uma imagem que, para mim, descreve melhor a nossa capacidade criativa é a de uma de mesa de mixagem de sons, cheia de botões e controles. Imagine que para cada um dos elementos relacionados com a criatividade (como a imaginação, a curiosidade ou a aceitação do erro) exista um controle com diferentes níveis de ajuste. Em um dos extremos do ajuste, estariam pensamentos, crenças, atitudes e comportamentos que tendem bloquear esse elemento, mantendo tudo igual, de modo padronizado, ou previsível, com uma única alternativa possível. No outro extremo, estariam pensamentos, crenças, atitudes e comportamentos que tendem de a estimular esse elemento, buscando novas alternativas, aceitando novos olhares e perspectivas e gerando diversas possibilidades. Cada pessoa pode estar em um ponto diferente em cada um dos elementos da criatividade. Como a criatividade é multidimensional, as combinações formadas são múltiplas.

“O ser humano, embora pertença a uma única espécie, é plural. Não existe ninguém igual. A criatividade também.” Mônica Souza Neves-pereira e Eunice Maria L. S. Alencar[[27]](#footnote-26)

1. DE MAIS, Domenico. **Criatividade e grupos criativos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013. [↑](#footnote-ref-0)
2. ALENCAR, Eunice Soriano; BRAGA, Nívea Pimenta; MARINHO, Claudio Delamare. **Como desenvolver o potencial criativo:** um guia para libertação da criatividade em sala de aula. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016. P.11 [↑](#footnote-ref-1)
3. ROBINSON, Ken. **TED Talk Do Schools kill creativity?**, 2006. Disponível em: <<https://www.ted.com/talks/sir_ken_robinson_do_schools_kill_creativity?hasProgress=true>>. Acesso em: 8 ago. 2019. [↑](#footnote-ref-2)
4. HAYDON, Kathryn. **Making school better with just one question**. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DpOhCxHB-z0g>>. Acesso em: 14 abr. 2019. [↑](#footnote-ref-3)
5. GAARDER, Jostein. **Ei! Tem alguém aí?** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997. p. 28. [↑](#footnote-ref-4)
6. BAER, John; KAUFMAN, James C. **Being creative inside and outside the classroom:** How to boost your students’ creativity – and your own. Rotterdam: Sense Publishers, 2012. p. 3. [↑](#footnote-ref-5)
7. NUSSBAUM, Bruce. **Creative intelligence:** Harnessing the power to create, connect and inspire. New York: HarperCollins Publishers, 2013. p. 30. [↑](#footnote-ref-6)
8. BEGHETTO, Ronald A. **Beautiful risks:** Having the courage to teach and learn creatively. Lanham: Rowman & Littlefield, 2019. [↑](#footnote-ref-7)
9. ALENCAR, Eunice Soriano; BRAGA, Nívea Pimenta; MARINHO, Claudio Delamare. **Como desenvolver o potencial criativo:** um guia para libertação da criatividade em sala de aula. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016;
BURKUS, David. **The myths of creativity:** The truth about how innovative companies and people generate great ideas. San Francisco: Jossey Bass, 2014. [↑](#footnote-ref-8)
10. BEGHETTO, Ronald A. **Beautiful risks:** Having the courage to teach and learn creatively. Lanham: Rowman & Littlefield, 2019. [↑](#footnote-ref-9)
11. De acordo com Beghetto, em uma sala de aula, o foco deverá estar, na maioria das vezes, na valorização das ideias emergentes e dos pequenos *insights* dos estudantes (*mini-c*) e na criação de oportunidades para que eles possam ser compartilhados. Isso leva ao seu aprofundamento e à transformação em contribuições *little-c*, ou seja, em novas alternativas de solução de problemas que são reconhecidas pelo grupo. [↑](#footnote-ref-10)
12. FIRESTIEN, Roger L. **Create in a flash:** a leader’s recipe for break-through innovation. Williamsville: Green Tracto Publishing, 2020. p. 22. [↑](#footnote-ref-11)
13. Graham Wallas, no livro *The Art of Thought* (A arte do pensamento, em livre tradução, não publicado no Brasil), publicado originalmente em 1926, descreve quatro etapas no processo de pensamento de uma nova ideia: preparação, incubação, iluminação e verificação. Já Mihaly Csikszentmihalyi, no livro C*reativity — The Psychology of Discovery and Invention* (Criatividade - A psicologia da descoberta e da invenção, em livre tradução, não publicado no Brasil), refere-se a cinco estágios: preparação, incubação, insight, avaliação e elaboração. [↑](#footnote-ref-12)
14. BURKUS, David. **The myths of creativity:** The truth about how innovative companies and people generate great ideas. San Fransico: Jossey Bass, 2014. [↑](#footnote-ref-13)
15. BURKUS, David. **The myths of creativity:** The truth about how innovative companies and people generate great ideas. San Fransico: Jossey Bass, 2014. [↑](#footnote-ref-14)
16. JOHNSON, Steven. **De onde vêm as boas ideias:** Uma história natural da evolução. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 68. [↑](#footnote-ref-15)
17. BEGHETTO, Ronald A. **Beautiful risks:** Having the courage to teach and learn creatively. Lanham: Rowman & Littlefield, 2019. [↑](#footnote-ref-16)
18. NEVES-PEREIRA, Mônica Souza; ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano. A educação do século XXI e o seu papel na promoção da criatividade. **Revista Psicologia e Educação On-line**, 2018, 1(1), 1-10. p. 5. [↑](#footnote-ref-17)
19. HAYDON, Kathryn P.; HARVEY, Jane. **Creativity for everybody**. New York: Spartkitivity, 2016. [↑](#footnote-ref-18)
20. HAYDON, Kathryn. **Creative Strengths Spotter**. 2017. Disponível em: <https://sparkitivity.com/strengthsspotter>. Acesso em: 14 ago. 2019. [↑](#footnote-ref-19)
21. KAUFMAN, Scott Barry; GREGOIRE, Carolyn. **Wired to create:** Unraveling the mysteries of creative mind. New York: Perigee Books, 2016. [↑](#footnote-ref-20)
22. SAWYER, Keith. **Zig Zag:** The surprising path to greater creativity. San Francisco: Jossey-Bass, 2013. p. 11. [↑](#footnote-ref-21)
23. SAWYER, Keith. **Zig Zag:** The surprising path to greater creativity. San Francisco: Jossey-Bass, 2013. p. 239. [↑](#footnote-ref-22)
24. TORRANCE, E. Paul; SAFTER, H. Tammy. **Making the creative leap beyond**. Amherst: Creative Education Foundation Press, 1999. [↑](#footnote-ref-23)
25. NUSSBAUM, Bruce. **Creative intelligence:** Harnessing the power to create, connect and inspire. New York: HarperCollins Publishers, 2013. [↑](#footnote-ref-24)
26. DE MAIS, Domenico. **Criatividade e grupos criativos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 705. [↑](#footnote-ref-25)
27. NEVES-PEREIRA, Mônica Souza; ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano. A educação do século XXI e o seu papel na promoção da criatividade. **Revista Psicologia e Educação On-line**, 2018, 1(1), 1-10. p. 4. [↑](#footnote-ref-26)